

A obra, dedicada ao desenvolvimento de representações sobre as relações sociais estabelecidas no contexto escolar, encerra com um Balanço Final onde se faz a síntese dos três estudos que examinaram os discursos das crianças do 1º e do 4º ano de escolaridade sobre as relações de amizade e rejeição, poder e liderança.

De modo global, conclui-se que «as representações emergentes em torno dessas dimensões relacionais» revelam o impacto dos significados e das dinâmicas de género no desenvolvimento do conhecimento social das crianças. Célia Cristina Soares é perentória na afirmação de que a sua investigação não deixa dúvidas quanto «à determinância que as representações e relações sociais de género assumem no desenvolvimento psicossocial das crianças.» A autora salienta também o facto de que o seu trabalho «evidencia a influência precoce destes processos simbólicos ao nível do pensamento e das representações infantis» uma vez que, como também destaca, «as crianças com 6 anos de idade já internalizaram a ordem social do feminino e do masculino e participam ativamente na (re)construção desses modelos do senso comum, apesar de a sua expressão ao nível discursivo estar ainda pouco saliente.»

Tratando-se de um trabalho que decorre de uma investigação com vista à obtenção de um grau académico, a obra apresenta uma organização cuidada e um vastíssimo leque de reflexões sobre as temáticas em apreço. Contudo, a opção por manter a estrutura próxima da formalidade académica pode vir a prejudicar o ritmo de leitura, sem, no entanto, pôr em causa a pertinência e atualidade do trabalho apresentado.

Monteiro, Natividade (2012), *Maria Veleda (1871-1955) – Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora. Caminhos Trilhados pelo Direito de Cidadania*, Olhão, Gente Singular Editora, 475 páginas.

João Esteves

Nesta obra de cariz biográfica, que corresponde à dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres da Universidade Aberta, sob orientação de Anne Cova, a professora, investigadora e historiadora Natividade Monteiro desvendamos uma mulher simples, comum e, simultaneamente, extraordinária que viveu e sofreu, intensa e freneticamente, a família, a profissão, a fraternidade pelos desprotegidos, o combate à Monarquia e o triunfo, consolidação e desagregação da República. De seu nome Maria Carolina Frederico Crispin, ficou, familiar e publi-

camente, somente conhecida por Maria Veleda, reportando-se, provavelmente, o pseudônimo Veleda à sacerdotisa «insubmissa ao Império Romano e defensora das leis gaulesas que atribuíam poderes civis e políticos às mulheres» (p. 56).

Simples, porque a longa existência foi pautada por idêntico estilo de vida, sem luxos, grandezas, privilégios – não era, nem nunca foi uma privilegiada –, benefícios ou proteções. Comum, porque as vivências de meninice e os sonhos condiziam com os das outras raparigas até que os percalços familiares a levaram a trabalhar para não sobrecarregar os seus, fez-se «professora por necessidade e por vocação» (p. 429), defrontou-se com contratemplos profissionais e financeiros, viveu em condições modestas, quando não resvés com a miséria, e mereceu a solidariedade de amigas e correligionárias. «Extraordinária», como a caracterizou Teresa Piçarra Beleza no *Prefácio* (pp. 15-17), «apenas» porque soube traçar o próprio percurso, viver coerentemente as suas opções – pessoais e políticas – e assumir as consequências, num tempo em que poucas mulheres evidenciavam determinação e coragem de o fazer, ainda menos numa sociedade em que lhes era estranho o espaço público ou a ousadia de romper com a domesticidade e a religiosidade. Extraordinária, porque soube fazer ouvir a sua voz e tomar partido pelos mais desfavorecidos, pelas mulheres, pelas crianças, pela República, incorporando no ideal republicano os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa, e assumiu-se como feminista e cidadã quando tal parecia uma utopia nos já longínquos anos da viragem do século XIX para o XX.

Não se está perante um exagero, visão anacrónica ou mitificação de um nome, embora haja «empatia intelectual» e identificação entre biografada e biógrafa, devidamente acuteladas na «Metodologia da investigação» (pp. 35-42). Remontando às origens, em Faro, onde nasceu em 1871, e até 1955, quando faleceu, em Lisboa, com 84 anos de idade, Natividade Monteiro reconstrói com novos dados e reinterpretações, mediante recurso a um leque diversificado de fontes, algumas inéditas por integrarem o espólio familiar, o percurso afetivo, familiar, literário, jornalístico, profissional, associativo e político de uma professora que aspirava a ser escritora e, apesar da sua educação «convencionalmente religiosa», se tornou feminista, livre-pensadora, maçon e republicana, sendo que «a construção de uma identidade tão rica e complexa não esteve isenta de sofrimento interior» (p. 439), nem de ruturas.

Está-se perante um trabalho árduo e rigoroso que procurou reconstruir uma vida intensamente vivida e plenamente dedicada aos outros, repartida entre o privado e o público, entrelaçados na construção de uma cidadania que abarcasse raparigas e rapazes, mulheres e homens. E esta opção revelou-se acertada, com ganhos para o leitor e investigador, já que Maria Veleda não é passível de ser fragmentada, reencontrando-se sempre a mesma identidade em cada uma das suas facetas. Tal como evidencia Natividade Monteiro nas quase 500 páginas, a trajetória – da província à capital, de professora a educadora, de escritora a jornalista, de mulher a feminista, de feminista a republicana, de espetadora a oradora, de militante a líder, de crente a livre-pensadora, de filha a mãe e avó – não foi

fácil, nem linear, passando por sobressaltos pessoais, familiares, profissionais, económicos e políticos, sobressaindo uma pessoa humilde, batalhadora, convicta e coerente, extraordinariamente coerente, em que vida particular e pública, discursos e práticas, se conjugam e harmonizam como indissociáveis.

Nesta obra, estruturada em quatro capítulos – *A paixão da escrita e a dedicação ao ensino* (pp. 53-95), *O combate à Monarquia através da propaganda republicana e feminista* (pp. 96-204), *Sob a égide da República* (pp. 205-363), *No labirinto esotérico, espiritualista e místico* (pp. 364-427) –, rematados por uma *Conclusão* (pp. 429-459) que revisita o essencial de Maria Veleda, a autora percorre os *Caminhos trilhados pelo Direito de Cidadania* e faz sobressair, a par da sua natureza intrinsecamente feminista, a atenção que constantemente lhe mereceram as crianças, só possível de compreender pelo amor que nutria por elas enquanto seres desprotegidos e merecedores de outra educação que ela se empenhava por lhes dar enquanto docente, segundo o preceito de «conhecer bem a criança para a poder educar em conformidade» (p. 430). Este entendimento fraterno com as crianças, com todas elas, é patente na adoção de uma, a quem tratou como filho (Luís), na criação de outros enquanto mãe solteira (Cândido) e avó, na denúncia do submundo dos pequenos lisboetas abandonados à sorte e infortúnio, na fundação da Obra Maternal, em 1909, no trabalho desenvolvido no âmbito da Tutoria Central de Infância e na preocupação em transportar os seus ideais educativos para dentro das aulas que lecionava ou das organizações em que militou ou liderou, nomeadamente a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. O mesmo olhar fraterno era estendido às mulheres desfavorecidas, expressa na tocante definição que, em 1909, faz do feminismo: «Ser feminista é ser, principalmente, protetora da mulher: – da mulher que sofre, da operária, da desonrada, da mendiga... É esquecer-se de si própria, numa abnegação de apóstolo, e levar a luz aos antros das trevas, levar a instrução às oficinas, levar palavras de amor e de conforto às vítimas da sedução, levar conselhos e perdão às cadeias, levar clarões de piedade aos albergues e aos hospitais! Desejamos que ela aprenda? Queremos o seu resgate? Pois bem: fraternizemos com ela!» (p. 15). Maria Veleda não foi, como Natividade Monteiro demonstra, uma mulher igual às contemporâneas que militaram no associativismo feminista, republicano e maçónico.

Na exaustiva pesquisa, a autora aclara o abandono de algumas das crenças provenientes da formação religiosa e como se tornou, primeiro, anticlerical e, ulteriormente, ao retornar à fé, espírita e mística. É que ela não nasceu anticlerical, tornou-se, disso dando testemunho através de vários escritos na imprensa agora repescados e explorados por Natividade Monteiro. Assim como não nasceu feminista, tornou-se, sendo as condições de desigualdade e maus-tratos em que as mulheres viviam que a levaram a abraçar o feminismo. E também não germinou republicana, tornou-se pelo que já sofrera e com a progressiva consciencialização política proporcionada pela deslocação para a capital, poucos anos antes de eclodir a revolução de 5 de outubro. Através de Maria Veleda, Natividade Monteiro exemplifica como uma revolução pôde ser, simultaneamente,

uma aspiração tornada realidade e, ao não satisfazer as promessas, resvalar para o desencanto, ocupando a desilusão e a descrença o lugar do sonho.

Mediante esta biografia apaixonada sobre uma figura apaixonante, cujos pressupostos e opções são explicitados na *Introdução* (pp. 19-52), o leitor consegue recuperar o convívio com Maria Veleda, não raras vezes através de palavras e pensamentos preservados nos textos da imprensa e *Memórias*, e reconstruir as redes de sociabilidade, podendo – e devendo – esta obra funcionar, também, como espelho de muitas outras contemporâneas que abraçaram os mesmos ideais e que não tiveram o ensejo de serem reconhecidos e preservados os respetivos legados.

Natividade Monteiro partilha, assim, com o leitor, uma vida de cidadania plena de afetos, de humanismo e de ideais à procura da felicidade pessoal e, simultaneamente, coletiva, sendo que, nas palavras de Anne Cova, autora da *Apresentação* (pp. 11-14) da obra, «esta excelente biografia de Maria Veleda vem preencher uma lacuna na historiografia e reveste-se de grande atualidade». Que se leia e releia, pois, *Maria Veleda (1871-1955) – Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora. Caminhos trilhados pelo direito de cidadania*.

Neves, Sofia (Org.) (2012), *Intervenção psicológica e social com vítimas*, volume II – Adultos, Coimbra, Almedina, 200 páginas.

Luísa Saavedra

Escola de Psicologia, Universidade do Minho

As temáticas apresentadas ao longo deste volume têm o mérito de conciliar a unidade com a diversidade. Por um lado, a unidade é-lhe conferida pela intervenção em situações de vitimação. Por outro lado, consegue alcançar uma grande multiplicidade de situações de opressão/vitimação e de abraçar uma igual diversidade de métodos de intervenção psicológica e social. Atravessando os campos da violência nas relações de intimidade (heteronormativas e multimarginalizadas), contra mulheres idosas, a violação, o *burnout*, o *mobbing* e a exploração sexual, reúne um leque de contributos que conseguem fornecer uma visão extensiva e multifacetada sobre a intervenção nestas áreas. Os itinerários de intervenção passam quer pela intervenção individual, quer em grupo, guiadas por preocupações de empoderamento das vítimas, confrontando posturas tradicionais com perspectivas críticas e feministas.

No primeiro capítulo, Anita Santos e Marlene Matos sugerem uma terapia